



Voz da Fátima



Director:
PADRE LUCIANO GUERRA
ANO 76 - N.º 912 - 13 de Setembro de 1998

Redacção e Administração:
SANTUÁRIO DE FÁTIMA — 2496 FÁTIMA CODEX
Telefone 049 / 539600 — Fax 049 / 539605

Composição e impressão:
GRÁFICA DE LEIRIA
Rua Francisco Pereira da Silva, 333 — 2410 LEIRIA

ASSINATURAS INDIVIDUAIS
Território Nacional e Estrangeiro
400\$00

PORTE PAGO
TAXA PAGA
2400 LEIRIA

Propriedade: FÁBRICA DO SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA • PUBLICAÇÃO MENSAL • AVENÇA • Depósito Legal N.º 1673/83

ISSO NÃO É CONVENIENTE LÁ PARA O CÉU

Transcrevemos parte do Interrogatório feito pelo pároco de Fátima a Lúcia, depois da aparição de Setembro: "Disse mais a Lúcia que Lhe ofereceu (à Aparição) duas cartas e um vidro — pequeno frasco — com água de cheiro, que Lhe foram apresentados por um homem da freguesia do Olival; e quando Lhos oferecia, Lhe disse: Deram-me isto ... se Vocemecê os quer? E a Senhora respondeu: Isso não é conveniente lá para o Céu."

Este episódio poderia ajudar-nos numa curta meditação acerca do dom do discernimento, que é um dom do Espírito Santo. A resposta de Nossa Senhora contém um juízo de valor acerca das cartas e do perfume, capaz de nos impulsionar a buscarmos, para as nossas promessas, critérios mais condizentes com a realidade do Céu, que é a última referência para todas as nossas acções.

Ao responder "Isso não é conveniente lá para o Céu", Nossa Senhora ensina-nos a procurar critérios, melhor, um critério, para avaliarmos tudo o que fazemos. Terá sido porque sabia da desorientação de muitos dos humanos, nos tempos em que certos entusiasmos balofos se apoderam da alma e a impedem de se referir aos valores eternos? Antigamente, na linguagem cristã que o povo transmitia às crianças, o Céu e o Inferno eram dois termos de referência absoluta: "Faz isto, se queres ir para o Céu; não faças isso, senão vais para o Inferno."

Reconheçamos que linguagem tão absoluta na boca de pessoas que não só podiam enganar-se como podiam mesmo abusar da inocência das crianças, tinha o seu quê de perigoso, porque a uns parecia o Céu demasiado difícil e a outros o Inferno demasiado próximo. Mas a verdade é que, tendo perdido a fé nas coisas que não passam, e que são da nossa responsabilidade, os nossos jovens e adultos andam à deriva, sem um ponto seguro a que possam agarrar-se, para buscarem o bem e evitarem o mal. À falta de valores que valham as penas que a vida sempre traz, e que só podem ser valores duradouros, só lhes resta o critério do prazer ou do desgosto do momento actual. Vejam-se os pobres dos drogados, que roubam e matam, por causa do momento presente e da sua tirania, incapazes de aceitar que não pode dar-se toda a importância ao aqui e agora. Mas, faltando-lhes o critério do Céu e do Inferno, eternos, eles têm razão em pensar que todo o tempo presente é talvez uma miragem, mas também a única coisa a que podem agarrar-se. O futuro deixa de dar sentido à vida.

Ao apontar o Céu como critério de conveniência e inconveniência, Nossa Senhora abria mais a luz sobre a sua pessoa e a sua mensagem, tanto para as três crianças, como para o ofertante do perfume e quem o acompanhava. Desde sempre os peregrinos gostaram de materializar os seus contactos com Deus através de coisas da terra. Aliás isso é muito compreensível, e não deixa de ser aceite pelas próprias Escrituras, já que Deus só recusa os "sacrifícios, oblações e holocaustos" quando não procedem do coração. A luta dos profetas, a luta de Cristo, pela verdade das nossas relações com Deus assentava sempre na obrigação de não delegarmos nas nossas ofertas a tarefa de nos ligarmos directamente a Ele. Nossa Senhora pode ter querido dizer: o que convém lá para o Céu é o coração dessa pessoa, e não os recados ou presentes que manda por vós. Não poderá acontecer que pensemos captar a benevolência de Deus com o número e o preço das nossas prendas, tal como se está a fazer hoje na sociedade consumista? Não é verdade que o mais conveniente lá para o Céu é um coração puro, e contrito, sedento de comunhão com Deus, e consciente de que o caminho mais curto para essa comunhão é a comunhão com os irmãos, especialmente os mais pobres?

Este mês vai meditar-se, em Fátima, sobre "os caminhos do Espírito". Esses caminhos são coisas convenientes lá para o Céu. Essas coisas são tudo aquilo que, dando a cada um o necessário para desenvolver os dons de Deus, o dispõe já na terra para a percepção de que o Céu consiste no amor. O resto são avanços, manifestações de egoísmo encapotadas de virtude (como o falso interesse de Judas pelos pobres naquela outra história de perfume, com Maria, a pecadora), endeusamento do prazer imediato com desprezo de tudo e de todos, em suma, materialismo e ateísmo, pelo menos práticos.

Só o Espírito Santo nos pode dar os critérios para a escolha dos seus caminhos, os critérios da conveniência com o Céu.

□ P. LUCIANO GUERRA

PEREGRINAÇÃO DE 12 - 13 DE AGOSTO

ENVIAI SENHOR O VOSSO ESPÍRITO E TRANSFORMAREIS A TERRA

«Ide por todo o mundo» foi o tema da Peregrinação Aniversária de 12 e 13 de Agosto passado, coincidente com a Peregrinação Nacional dos Migrantes ao Santuário de Fátima. As celebrações foram presididas por D. Fernand Franck, Arcebispo do Luxemburgo, país onde residem cerca de 60 mil emigrantes portugueses.

D. Manuel Martins, Presidente da Comissão Episcopal das Migrações, na homilia que proferiu na noite do dia 12, lamentou alguns dos dramas que acompanham tantas vezes as comunidades migrantes. Lamentou o fenómeno altamente interpelante da desertificação do interior, fenómeno que, «não obstante promessas e lágrimas de crocódilo, continua sem solução». «O que mais custou ouvir (num encontro realizado na Beira Interior) foi este desabafo-acusação: o interior tem pouca gente, não dá votos». Lamentou também as barracas, a exclusão dos cuidados elementares da saúde, o trabalho negado, mal remunerado, exigido em condições de insegurança, as prestações recebidas dos trabalhadores e sonegadas à Segurança Social.

Para D. Manuel Martins, a Igreja tem muito a ver com tudo isto. «A Igreja de Jesus Cristo, Una, San-



Rito característico no ofertório do dia 13, que já vem desde 1940, é a oferta de trigo, pelos peregrinos.

ta, Católica e Apostólica, por força e em consequência da sua missão, tem que mergulhar em todos estes e outros problemas do homem, até ao pescoço».

Por tudo isso, D. Manuel exortou os peregrinos a abrirem o coração ao Espírito Santo que, «derramado sobre nós na abundância dos seus dons, ajudar-nos-á a descobrir e a desenvolver a capacidade

que temos de contribuir para transformar o mundo: 'Enviai, Senhor, o Vosso Espírito, e transformareis a terra'».

A celebração final, na manhã do dia 13, registou a presença de 120 mil peregrinos. Concelebraram a Eucaristia 218 sacerdotes, entre os quais se contavam 6 bispos. Receberam a sagrada comunhão 21 mil fiéis.

CHEFE BUDISTA EM FÁTIMA

Sua Santidade Drikung Kyabgon Chetsang Rinpoche, chefe da linha não reformada do Budismo — Drikung Kagyu —, visitou o Santuário de Fátima, no passado dia 10 de Agosto.

Drikung Kyabgon Chetsang Rinpoche nasceu em 1946. Aos 4 anos de idade casou com uma filha de uma família nobre, de grande influência. Foi identificado como reencarnação do fundador da linha Drikung Kagyu e educado no convento de origem daquela linha religiosa. Com a ocupação do Tibete pelos chineses, manteve-se oculto, mesmo da própria família, durante largo tempo. Cresceu no Tibete, estudando numa escola pública e trabalhando como camponês. Em 1975 conseguiu fugir, pelos Himalaias, para o Nepal, e daí para os E.U.A., juntando-se à família.

A pedido de elementos da sua linha religiosa, e do próprio Dalai Lama, tornou-se chefe, ainda no exílio, da linha Drikung Kagyu.

Em 1985 mandou construir o centro da sua religião,

em Dehradun, no Norte da Índia. Aí estudam 200 jovens que vão ser, no futuro, orientadores espirituais de meditação. Recebem não só a formação tradicional do Budismo, mas também ensinamentos tendo em vista as exigências da sociedade

de moderna. Na Índia existem actualmente 45 conventos desta linha religiosa.

Drikung Kyabgon é o nome dado ao chefe daquela linha budista, e Chetsang Rinpoche é o nome da própria pessoa. Rinpoche traduz-se como «valor e riqueza», título de respeito e dignidade elevada, no Tibete.

A sua vinda à Europa foi promovida pela Fundação Alemã «Dana Gesellschaft» de Munique, que se ocupa da conservação da cultura e da medicina do Tibete.

Drikung Kyabgon Chetsang Rinpoche veio a Fátima com duas intenções: em primeiro lugar para meditar e rezar diante da Virgem de Fátima; e em segundo lugar para se encontrar com o Bispo de Leiria-Fátima. A sua chegada deu-se pelas 15 horas, e o encontro com o Sr. D. Serafim deu-se pelas 18 horas.

Chetsang Rinpoche permaneceu no Santuário até ao início da tarde do dia 11, aproveitando a ocasião para visitar a Capelinha das Aparições e outros lugares do Santuário.



A PEREGRINAÇÃO DE 13 DE MAIO DE 1930

O Padre Luís Gonzaga Cabral foi um dos mais ilustres membros da Companhia de Jesus em Portugal, nos últimos tempos.

Notabilizou-se sobretudo pelos seus dotes de escritor e mais ainda de orador. Vítima da perseguição religiosa de 1910, exilou-se na Bélgica durante quatro anos, e em 1917 partiu para o Brasil, onde permaneceu 22 anos até à morte, ocorrida a 28 de Janeiro de 1939.

Em 1930 veio a Portugal e pregou na Peregrinação de 13 de Maio, seis meses antes da aprovação eclesial da Aparição. Depois de regressar ao Brasil descreveu, numa longa carta, a um confrade, as suas impressões da referida peregrinação. Transcrevemos algumas passagens:

«No dia 12, pelas nove horas da noite saí de Leiria em automóvel com o senhor Bispo. Quando nos aproximámos da Cova da Iria fiquei assombrado. Às dez e meia da noite começou a procissão de velas. A multidão imensa que se aperta na Cova da Iria dá-nos um efeito de um mar de luzes, pois raros são os que não compram a sua vela.

A meia-noite, exactamente, no primeiro momento do dia 13, começou o terço. Era para ele que se destinavam os meus seis sermões da noite. Eram pregados diante do microfone e comunicados com assombrosa nitidez àquela enorme multidão. A cena era de tal modo impressionante que, ali mesmo, senti a necessidade de seguir outro rumo, bem diverso do que costumo seguir no púlpito. A cada passo passava a pregação a ser dialogada e o imenso auditório era convidado a acompanhar as súplicas, exclamações e jaculatórias.

As duas horas estava terminado o meu trabalho da noite e fui celebrar a santa missa. Éramos 212 os sacerdotes ali presentes. Raro seria o sacerdote, se algum houve, naqueles dois centos deles que não passasse a noite a ouvir confissões.

Naquele dia tinha ali diante de mim, passante de 250 mil pessoas, talvez 300 mil. Pois essas multidões não se reúnem numa nação de 50, 60 ou 100 milhões de habitantes; mas num país que escassamente terá uma população de 7 milhões (1930).

A missa da comunhão geral co-

meçou às cinco horas. Para mim, o momento mais comovedor de Fátima foi a distribuição da Sagrada Eucaristia. Sobre o altar foram consagradas por várias vezes duas píxides com dimensões, penso eu, nunca vistas, contendo cada uma seis mil partículas. Eu distribuí sem interrupção o pão eucarístico por espaço de duas horas e um quarto. Na última hora foram meus acólitos, um Tenente-Coronel fardado de grande gala, com numerosas condecorações, que me disse mais tarde: — *Eu raras vezes uso estas honrarias, mas*



quando venho a Fátima venho assim. É um tributo prestado à Mãe Santíssima; uma profissão de fé e um exemplo que me julgo obrigado a dar. O outro acólito era um distinto advogado...

No meio daquelas filas intermináveis de comungantes de todos os sexos, idades e condições sociais... encontrei à distância de uma hora, aproximadamente, duas meninas vestidas de primeiras comungantes. A cada uma perguntei se faziam ali, naquele momento, a primeira comunhão. Como respondessem afirmativamente, ali mesmo, com Jesus na mão, lhes fiz um brevíssimo fervorinho de primeira comunhão, acen-

tuando muito a felicidade de poderem ligar para toda a sua vida a lembrança deste grande dia ao nome e à peregrinação de Fátima. As lágrimas corriam-me abundantes... lam cair no chão ou talvez misturarem-se às muitas que choravam os comungantes. Nunca experimentei comoção igual.

Na cerimónia da tarde, com o Santíssimo exposto, depois da reza do terço, entremeados de fervorosas invocações e cânticos eucarísticos, entoados por aquelas centenas de milhares de vozes, foi dada a bênção com a custódia individualmente a cada um dos numerosíssimos doentes. O fervor das súplicas em favor dos pobres enfermos é coisa que não pode traduzir-se em palavras. O maior milagre de Fátima é a piedade fervorosa daquelas multidões, a sua fé robusta e a sua resignação serena, mais de admirar nos menos enfermos... Duas pessoas foram curadas, enquanto presenciávamos aquelas incomparáveis manifestações: uma senhora dos seus 45 anos, um rapaz dos seus 17. Este último passou mesmo rente de mim, subindo ágil os degraus do altar para se ir atirar de joelhos ao pé da estátua da Senhora de Fátima, debruçado em lágrimas.

Terminada a bênção dos doentes chegou-me a vez de fazer o sermão de conclusão. Não sei o que disse; sei que falou ali o coração do cristão, do português, do padre; sei que falei chorando quase sem interrupção e que, apesar disso, as lágrimas não embargavam a voz. Nunca em minha vida preguei mais sem normas de oratória, nem mais profundamente comovido.

Mas ainda me era reservada nova comoção no derradeiro acto de peregrinação: a despedida da Senhora de Fátima... Ninguém resiste àquele espectáculo. Vi sacerdotes, engenheiros, médicos, advogados; vi novos e velhos; cavalheiros distintos e homenzinhos do povo, por cujas faces deslizavam, às quatro e quatro, lágrimas suavíssimas, que o sorriso dos lábios interpretava como lágrimas de alegria e não de tristeza. Que povo o nosso! Que bom povo, o povo português!

Pe. Fernando Leite

A VIRGEM PEREGRINA HÁ 50 ANOS

10 de Julho a 13 de Setembro de 1948

Devido ao atraso nas crónicas anteriores, teremos de abreviar, limitando-nos praticamente a apontar o itinerário das viagens e uma cronologia sumária. Na visita de Angola, damos os nomes que as localidades tinham na época colonial, na esperança de que alguns dos nossos leitores, regressados a Portugal depois de 1974, que tenham presenciado essas jornadas inolvidáveis, nos escrevam, dando algum testemunho pessoal.

MARROCOS E ESPANHA (10 a 17 de Julho de 1948)

Depois de regressar dos Açores, no dia 8 de Julho de 1948, a Imagem de Nossa Senhora de Fátima seguiu para Sevilha, logo no dia 10, de manhã, num avião dos TAP e daí para Ceuta (11, 12 e 13), Melilla (13 e 14)

e Málaga (15, 16 e 17), regressando a Portugal, no dia 17 de Julho. D. Maria Teresa Pereira da Cunha não participou nesta viagem. Mesmo assim, a sua agenda e o livro que publicou sobre esta jornada estão recheados de notas sobre as extraordinárias manifestações de veneração, prestadas

(Continua na pág. 3)

APELO DA BIRMÂNIA

Quem estudou, e quem se lembra, que a Birmânia, agora chamada Myanmar, é uma longínqua terra do Extremo Oriente, para lá da Índia, junto do Vietnã, Camboja e Laos, fazendo fronteira, ao Norte, com a China?

E quem saberá que por essas paragens andaram as naus de Vasco da Gama e Albuquerque a estabelecer feitorias, levantar fortalezas e construir igrejas?

Pois de tão misteriosas e doces terras chegou ao Santuário de Fátima uma carta do Senhor Arcebispo da capital, Yangon ou Rangun, na qual nos faz dois pedidos que são um desafio. Desejaria o Senhor Arcebispo, antes de mais, celebrar na sua arquidiocese os 50 anos da primeira visita da Imagem Peregrina de Nossa Senhora de Fátima. Foi o ano passado em Maastricht e Pironchamps, será em 1999 na Birmânia! O Senhor Arcebispo pe-

de ao Santuário que lhe envie a Imagem Peregrina e já está decidido que sim.

Ao mesmo tempo comunica a carta que se estão a enviar esforços, até junto do Governo português, para a reconstrução-restauração de uma igreja que os portugueses levantaram em Syriam (hoje Thanlyin), e que se encontra em ruínas.

O Santuário de Fátima vai certamente enviar a sua pedra. E não quereriam os leitores da «Voz da Fátima» associar-se a esta acção missionária? Pelo que se vê na TV aqueles povos asiáticos vivem ainda muito pobremente, de qualquer modo bastante mais do que nós.

Fica aberta a subscrição e as ofertas podem ser enviadas para: Voz da Fátima (Birmânia) — Santuário de Fátima — Apartado 31 — 2496 FÁTIMA Codex.

MAIS DE TRÊS MIL PEREGRINOS NO ANIVERSÁRIO DA APARIÇÃO DOS VALINHOS

Celebrou-se, no passado dia 19 de Agosto, o 81.º aniversário da aparição de Nossa Senhora nos Valinhos. Do programa constou, pela primeira vez, a celebração da Eucaristia das 11 horas no Altar do Recinto, em línguas. A Missa foi presidida pelo Senhor Bispo de Leiria-Fátima, D. Serafim, e concelebrada por

30 sacerdotes. Participaram à volta de 7 mil peregrinos.

À noite, realizou-se a habitual peregrinação aos Valinhos, com partida da Capelinha das Aparições às 21.30 horas. Pelo caminho da Via-Sacra, os peregrinos, calculados em mais de três mil, foram recitando o Rosário. Na Loca, houve adoração, com prostração. Da Loca aos Valinhos rezou-se a Ladainha Lauretana. Já nos Valinhos, fez-se a evocação da aparição, em várias línguas: «Em 13 de Agosto de 1917, os videntes foram levados de Fátima pelo Administrador do Concelho, pelo que não houve aparição na Cova da Iria. Em 19, Nossa Senhora pediu que voltassem à Cova da Iria no dia 13 e que continuassem a rezar o terço todos os dias. Prometeu que no último mês faria um milagre. E, tomando um aspecto mais triste, concluiu: rezaei, rezaei muito, e fazei sacrifício pelos pecadores, que vão muitas almas para o Inferno, por não haver quem se sacrifique e peça por elas». Era meia-noite quando os peregrinos iniciaram o regresso a casa.

NOSSA SENHORA ESTÁ SEMPRE PRONTA A AJUDAR-NOS

«Agradeço a Nossa Senhora por ter ouvido o meu pedido» (D.J.M.B.).

«Agradeço a Nossa Senhora por me ter curado o olho, que estava sempre a tremer. Ela está sempre presente nas nossas vidas e sempre pronta a ajudar-nos» (A.C.A.).

«Agradeço a Nossa Senhora a graça de me ter curado uma mão» (M.S.A.).

«Tinha de fazer uma viagem longa, mas encontrava-me já há quatro dias com uma dor muito grande, do la-

do esquerdo. Na véspera da viagem piorei ainda mais, pelo que não estava em condições de a fazer. Durante a noite, voltei-me para a Jacinta e o Francisco, pedindo-lhes que intercedessem por mim. A dor quase passou. Meti-me à viagem e, no decorrer da mesma, ao fim do pequeno-almoço, passou completamente». (M.C.).

«No dia 13 de Outubro de 1995, estando a acompanhar a Missa de Fátima pela TV, na altura da Ladainha, pedi a Jesus que curasse o meu cora-

ção doente. Nessa mesma tarde senti-me bem, já sem a falta de ar que era um dos sintomas de insuficiência cardíaca. Depois disso fiz dois exames, que deram tudo bem» (M.E.M.).

«Agradeço a graça da cura de minha filha» (M.C.).

«Vimos agradecer a intercessão do Francisco e da Jacinta junto de Nossa Senhora, pela graça concedida da cura de uma doença muito grave de um familiar, tendo o próprio médico dito que as melhoras ultrapassaram as

expectativas. Fizemos uma novena aos pastorinhos durante muito tempo e prometemos publicar a graça, para a sua canonização» (A Família).

«No mês de Março de 1996, a meio da noite senti-me mal, que pensei que morria. Mandei os meus filhos e o meu marido chamar o Senhor Padre, que me confessou e me deu a Santa União. Eu pedi a Nossa Senhora e à Santíssima Trindade que me curasse. Já lá vão dois anos, e sinto-me muito bem» (A.M.S.R.).

Fátima dos pequeninos

JUNHO 1998
Nº 213



Olá, amigos!

Cá estamos de novo. As férias terminaram e as aulas recomeçam. Que bom voltar à escola, não é? Eu sei que há meninos que gostam muito da escola, mas há outros que gostam pouco de estudar. Claro que ficar sempre em férias também não pode ser. Mas estudar exige trabalho e esforço... e há meninos que têm dificuldade em compreender que, para se ser alguém, é preciso aprender, é preciso trabalhar.

Estou a lembrar-me que Nossa Senhora também manifestou em Fátima o seu desejo de que os Pastorinhos aprendessem a ler. Foi no mês de Junho. Quando a Lúcia lhe perguntou: «Vossemecê, que me quer? Nossa Senhora respondeu: «Quero que venham aqui no dia 13 do mês que vem, que rezem o terço todos os dias e que aprendam a ler. Depois direi o que quero».

Aprender a ler no tempo dos Pastorinhos, queria dizer ir à escola, estudar, fazer esforço por se valorizar. E que esforço! As escolas eram poucas, estavam longe e não havia transportes como hoje há. Aprender a ler significava para os Pastorinhos horas de caminhada, frio e calor por

aqueles caminhos de terra até à escola. Mas Nossa Senhora mandou e, logo após as aparições, a Lúcia começou a ir à escola.

Agora temos muitas escolas, temos transportes, é tudo mais fácil, mas, mesmo assim, há meninos que não aproveitam bem esta oportunidade, desperdiçam o tempo na brincadeira e não fazem esforço por aprender, estudando em casa as lições... fazendo os trabalhos de casa.

Neste começo do ano escolar não seria mal cada um tomar para si, este pedido de Nossa Senhora: «rezem o terço todos os dias e aprendam a ler.» De certeza que Nossa Senhora ficaria bem contente, se cada um tomasse para si este pedido; se cada um comesse o ano com este grande propósito: um esforço maior para o estudo, um cuidado maior para rezar o terço...

Depois, como à Lúcia, Nossa Senhora nos dirá o que quer. Ou seja, Nossa Senhora nos mostrará como o esforço valeu a pena; nos mostrará que só nos sentiremos verdadeiramente bem, quando lutarmos por cumprir bem o nosso dever; nos dirá que o que Deus quer de nós, os seus filhos, é que sejamos felizes, mas que, para tal, temos que trabalhar por isso.

E quem não é capaz de fazer um esforçozinho maior para que este novo ano de estudo possa ser melhor do que o anterior? Encorajados por este pedido de Nossa Senhora... vamos começar a trabalhar com mais ânimo e com mais fervor, valeu!...

Até ao próximo mês, se Deus quiser!

Ir. Isolinda



A SEMENTINHA

Publicamos, na íntegra, o texto vencedor do "Jogo de Palavras", do 25.º Aniversário do Acolhimento no Santuário:

Um dia, a sementinha caiu na terra e germinou, transformando-se numa bela Plantinha. Olhá-la e ver como Deus a tinha dotado de tanta simplicidade, inocência e beleza, era esplêndido, melhor dizendo, maravilhoso.

Mas, um dia, os homens chegaram, nem sequer repararam no seu esplendor, apenas na sua utilidade como ser vivo. A Plantinha começou a desmoralizar, a perder a confiança, em tudo o que tinha acreditado até aquele dia. Pela primeira vez, começou a colocar tudo em causa, a sua existência e até a do próprio Deus, em quem tinha acreditado e confiado até ali.

Então, um belo dia, quando tudo parecia perdido, eis que uma brisa suave se aproximou de mansinho e sussurrando, lhe disse: — Não estás só. Existe *Alguém* que se preocupa contigo e nunca te abandona. A Plantinha sorriu simpaticamente, mas, continuava desconfiada, pois a dor causada pelos homens tinha sido demasiada, e tornava-se difícil voltar a acreditar, fosse no que fosse. A Plantinha criou as suas próprias barreiras para se proteger, mas, a brisa não desistiu. Todos os dias ia soprando devagari-

nho, com paciência e de várias formas. De cada vez, lhe mostrava que ainda havia possibilidades, que desistir não era a melhor solução. Lentamente, a Plantinha foi cedendo e mostrando o seu interesse pelo que a brisa lhe queria transmitir, e dar a conhecer. Até que finalmente, a Plantinha pediu para conhecer esse *Alguém*. Nesse instante, a brisa transformou-se em vento, este, numa grande ventania que arrastou a Plantinha, até à Cova de Iria. Aí, surgiu a grande oportunidade de a Plantinha conhecer esse *Alguém*, a quem chamavam **MARIA**. No seu coração, pode sentir o grande carinho e protecção, daquela que é e será a Mãe de todos os seres. Nela, sentiu que podia acreditar e confiar e que, nela, estava o sentido de tudo, da sua vida. A partir desse momento, tudo se transformou: objectivos, formas de estar e encarar a vida, relação com os outros, etc.. Um sem fim de coisas, que mudaram e transformaram tudo na sua existência. No entanto, houve momentos de hesitação, mas, logo uma nova brisa soprava e tudo mudava. Foi então, o momento em que a Plantinha começou a tornar-se adulta e a fazer parte de um lindo jardim. A esperança voltou, sonhos se concretizaram, e acreditar voltou a ser fácil.

Agora, ela é uma Árvore, que dá fruto, e que continua a crescer. Para quem tudo é diferente, pois sabe que tem uma Mãe que a protege e que vela por ela. Tem consciência, que a vida não é fácil para ninguém, pois todos têm os seus momentos e o que é necessário é acreditar que são passageiros e que têm que se resolver, cada vez que eles surgem, com fé na nossa Mãe querida e com a esperança, que ela nos transmitiu na suas aparições.

A Árvore em que se transformou aquela Plantinha indefesa sente que está diferente, pois sabe interpretar as atitudes dos outros, relacionar-se com eles, aceitá-los tal qual eles são, ser optimista e antes de tudo, ser Feliz e fazer Felizes os outros. Esta foi a história de alguém, que através da Mensagem de Maria, conheceu o verdadeiro sentido da vida, e a quem, de várias formas, ela deu a sua mão, utilizando vários processos e pessoas. Sem tudo isto, aquela Plantinha, hoje, poderia não passar de uma Árvore seca, sem fruto, marginalizada e sem esperança. Assim, o abismo que se avistava, transformou-se num lindo Sol de esperanças.

A Árvore de hoje, agradece a todos quantos serviram de instrumento a **MARIA** para a chamar à vida.

A ti, minha querida Mãe, o meu MUITO OBRIGADA!...

Plantinha

25 ANOS DE ACOLHIMENTO NO SANTUÁRIO

Foi num ambiente de festa que os acolhedores do santuário celebraram no fim de semana 1 e 2 de Agosto, o 25.º aniversário do acolhimento, com o lema — "Acolher é abrir o coração".

O 1.º dia iniciou-se com as boas vindas aos acolhedores e seus familiares a que se seguiu a distribuição de "crachats" e do programa do encontro. Revivendo as suas experiências passadas, os acolhedores espalharam-se depois pelo recinto do santuário, prestando auxílio aos peregrinos e distribuindo-lhes pagelas alusivas ao acontecimento.

Após o almoço comemorativo com o sr. reitor do santuário, seguiu-se uma reunião presidida por este, durante a qual foram divulgados os vencedores do concurso "Jogo de Palavras" e entregues os respectivos prémios.

As 17.30 h, o sr. bispo de Leiria-Fátima, celebrou uma missa festiva, na Capelinha das Aparições, dirigindo a todos os acolhedores presentes, palavras de estímulo para o trabalho efectuado e um apelo ao recolhimento para um bom acolhimento. Foi concelebrante o Pe. Jesus, também ele acolhedor.

Em seguida, o sr. reitor inaugurou uma exposição que retrata a evolução do serviço de acolhimento ao longo des-



tes 25 anos e que se manterá aberta ao público até 15 de Setembro.

À noite, os acolhedores participaram no terço das 21.30 h, transmitido pela RR.

O 2.º dia, Domingo, iniciou-se com uma ida aos Valinhos, onde foi igualmente rezado o terço. Após o regresso, os acolhedores participaram na missa oficial do santuário, a que se seguiu um almoço com a presença do sr. Bispo.

Efectuou-se depois, na Capelinha das Aparições, a oração de despedida, sob a orientação do sr. Pe. Clemente Dotti, pelo SEPE, que no final, dirigiu algumas palavras de apreço ao trabalho desenvolvido pelos acolhedores e de fé no futuro deste serviço.

Os acolhedores regressaram a suas casas levando no coração momentos de um fim de semana de confraternização e oração, que de certo recordarão no futuro.

A VIRGEM PEREGRINA HÁ 50 ANOS (10 de Julho a 13 de Setembro de 1948)

(Continuação da pág. 2)

pelas multidões. O entusiasmo comunicou-se aos próprios maometanos, como veio a acontecer em todos os países de maioria islâmica.

Em 22 de Maio deste ano, na Capelinha das Aparições, o Padre Pedro Sanchez, actual paroco da igreja da Sagrada Família da cidade de Málaga, falou da viva impressão que teve, quando era menino de 8 anos, ao assistir à passagem da Virgem Peregrina pela sua cidade. Enviou-nos depois alguma documentação e referiu-nos que a diocese vai comemorar o 50.º aniversário dessa visita, em Outubro próximo.

S. TOMÉ E PRÍNCIPE E ANGOLA

(20 de Julho a 13 de Setembro)

Logo no dia 20 de Julho, a Imagem partia novamente, por via marítima, a caminho da África. Começando pela África Portuguesa, a Virgem Peregrina haveria de percorrer toda a África oriental, do "Cabo do Cairo", na expressão de D. M.ª Teresa da Cunha, até 15 de Julho de 1949, isto é, um ano inteiro.

A 21, passou pela Madeira, que tinha visitado em Abril, e que lhe prestou homenagem vivíssima, incluindo a bênção da primeira pedra de uma nova igreja dedicada ao Imaculado Coração de Maria. Foi lindíssima a despedida no mesmo dia à noite.

Depois, durante varios dias, só mar e céu, passando, a 24, ao largo de Cabo Verde e, a 25, da Serra Leoa. A chegada a S. Tomé verificou-se às 18 horas do dia 28 de Julho. Nossa Senhora foi recebida na Sé e na igreja de N.ª S.ª da Conceição e festejada com muitas flores, velas, orações e cânticos.

Mas, à meia noite de 28 para 29, já o navio rumava para Angola, chegando a Luanda no dia 30, às 15.30 horas. Na Sé, houve missa solene na manhã do dia 31 e, no dia 1 de Agosto, uma missa campal no estádio da cidade. Partiu depois para os subúrbios até ao dia 3, em que um avião levou a Cabinda, S. Salvador do Congo, Santo António do Zaire e Ambriz. De novo, Luanda, seguindo depois para Vila Salazar, Malange, onde chegou no dia 7. Daí foi para Cacuso, Lucala, Canhoca, Beira Alta. Regresso a Luanda no dia 10. A 13 de Agosto, mais uma vez, um avião levantava voo na direcção de Porto Amboim. Daí, por caminho de ferro, a Imagem foi a Gabela, voltando a Porto Amboim, donde seguiu a 14, novamente de

avião, para Novo Redondo (actual cidade de Sumbe) e Nova Lisboa (Huambo). No dia da Assunção de Nossa Senhora, que ocorreu num domingo, houve missa campal. Da parte da tarde, visita à missão do Bailundo. No dia 16, missa campal com multidão numerosa. No dia 17, foi inaugurada a capela das Irmãs de S. José de Cluny, dedicada a Nossa Senhora de Fátima, e celebração do Crisma. Partida para Bimbe e regresso a Nova Lisboa, onde chegou à noite. Grande vigília nocturna de 17 para 18, que terminou com uma missa celebrada pelo Bispo e outra, celebrada pelo Padre Demoutiez. As missas do dia 19 e 20 foram celebradas pelo saudoso Padre Moutinho, missionário da Congregação do Espírito Santo, que, dezenas de anos depois, recordava em Fátima, verdadeiramente emocionado, aqueles dias de festa. No dia 21, na missão de Quambo, "anjinhos cor de chocolate fazem graciosas reverências, diante da Senhora, e lançam no caminho pétalas de flores". Seguiu-se depois para a missão do Sambo, muito enfeitada. Daí, voltou novamente a Nova Lisboa, que no dia 22 se despediu com missa no próprio hãgar do campo de aviação, donde a Imagem partiu em avião para a missão de Caconda, onde houve uma cerimónia de tomada de hábito e de votos de algumas irmãs de S. José de Cluny. Na manhã de 23, chegada a Quipungo, onde paragem breve para celebração da missa, junto de uma árvore gigantesca, e partida imediata para Sá da Bandeira, chegou às 11 horas. Uma vez mais, grande multidão a esperava. "A voz de comando, os soldados lançam ramos de flores e os canhões disparavam nuvens de pétalas". À noite, uma procissão de velas e uma velada nocturna, ao ar livre, até à manhã seguinte. Partida, nesse dia 24, para as missões de Munhino e de Huila, onde os pretos, "não se contentando com beijar piedosamente a Imagem, fazem-no igualmente às pombinhas, que não cedem o seu lugar e se conservam ternamente encostadas aos pés de Nossa Senhora". No dia 25, Chibia, Jau, Chivunguiro, Humpata, onde um numeroso grupo de brancos quis "impor" uma paragem forçada da Imagem, colocando um tronco de árvore no meio da estrada. A chegada a Sá da Bandeira foi à noite, esperando—50 automóveis que formavam luminoso cortejo. Nossa Senhora visitou o hospital, o Colégio da Beata Paulo Frassinetti, com coro falado pelas alunas e oferta de sacrifícios em pétalas de rosa, e velada nocturna, assumida nas horas de mais sacrifício pelos rapazes. A partida da Imagem foi na ma-

nã do dia 26, de avião, sobrevoando o Forte de Roçadas e chegando a Vila Pereira de Eça, no sul de Angola, duas horas depois. A recebeu-la, muita gente, incluindo protestantes, um bispo sul-africano, cinco padres alemães, oblatos de Maria Imaculada, os oficiais de Forte Roçadas e as autoridades da localidade. Partida para Moçâmedes, onde é recebida com a população em peso, empunhando ramos de oliveira e palmas. Um avião lança oito quilos de pétalas de papel de seda recortado, com pedidos e súplicas. À noite, mais uma vistosa procissão de velas que passa sob numerosos arcos de verdura e de flores. Missa campal, no dia 27, no estádio, e um cortejo marítimo na baía. As pombinhas continuam junto da Imagem, esvoaçando, de vez em quando, como que para demonstrar que não estão presas nem lhes cortaram as asas. Visita ao Colégio das Irmãs Dorotheias e viagem por cima do deserto de Moçâmedes até Porto Alexandre, onde chegou à noite, sendo recebida festivamente. Depois de uma velada nocturna, houve missa campal no dia seguinte, 2, num altar com motivos marítimos. A Senhora partiu para uma breve visita à Baía dos Tigres, no extremo sul de Angola, onde só faltou à recepção uma pessoa dos 515 pretos e 73 brancos ali moradores, por estar doente, mas recebeu-a na sua casa. Como não havia sacerdote, o Padre Vermer celebrou missa com baptisms e casamentos. Ao princípio da tarde, partiu para a cidade do Lobito, onde chegou pelas 17

horas, ficando até ao dia seguinte, 29, seguindo depois, de comboio, para Catumbela, onde o bispo celebrou missa solene, no dia 30. A etapa seguinte foi Benguela que recebeu magnificamente a Imagem. À noite, procissão das velas, seguida de uma interminável e fervorosa velada nocturna. Na manhã seguinte, 31, nova procissão, e, ao longo do dia, visitas ao hospital, quartel, colégio das Irmãs Dorotheias. A Imagem partiu novamente de comboio, pelas 19 horas, embrenhando-se no interior do território angolano. Pela madrugada dentro, à passagem do comboio havia gente em todas as estações. Na manhã de 1 de Setembro, chegou a Vila Nova, que a recebeu com um dístico: "Este cantinho de Portugal saúda a Senhora de Fátima, Rainha do Mundo". Aí recomeçou a peregrinação, num carro-andor, até Bela-Vista, última localidade da então diocese de Nova Lisboa, entrando na diocese de Silva Porto, em Chinguar. No dia seguinte, 2, missa campal, com bênção dos doentes. Casos de verdadeiras conversões. A povoação de Andulo recebeu—a numa igreja em construção. No dia 3, Vouga, e no dia 4, chegada a Silva Porto, onde a Senhora foi colocada num carro de grandes dimensões. Após uma grande procissão com archotes e velas, foi recebida na Catedral. No dia seguinte, missa na piscina do jardim público e visita ao Colégio das Irmãs de S. José de Cluny, onde ficou até ao dia 6. Depois da missa solene, partida para Nova Sintra, onde foi recebida por um missionário

alsaciano que ali estava há 50 anos. No dia 7, depois da missa no campo de jogos, partida em "machimbombo" para General Machado, onde ficou para o outro dia, com missa campal e partida às 15 horas para Quemba, onde se deteve umas horas. Seguiu depois novamente de comboio, com três carruagens reservadas pela direcção dos Caminhos de Ferro de Benguela, e o compartimento onde ia a Imagem, adornado com flores, como se fosse uma bonita capela. A chegada a Teixeira de Sousa foi no dia 9, onde foi recebida carinhosamente no largo da igreja. No outro dia, missa campal, com comunhão solene. E às 5 horas da manhã do dia 11, partida em dois carros da Companhia de Diamantes, para o Dundo. Há uma breve paragem em Nova Chaves. A chegada a Vila Henrique de Carvalho (Saurimo) verificou-se depois de grande trovoadas e chuva torrencial, mas o calor humano compensou extraordinariamente. Na manhã do dia 12, o cortejo continuou, e, a 50 quilómetros do Dundo, Nossa Senhora foi aguardada por todos os meios de transporte existentes na Companhia de Diamantes. A Imagem foi recebida com todas as honras pela direcção da Companhia e por todos os empregados que tiveram tolerância de ponto. No dia 13 houve uma visita à vila de Andrade.

A Imagem de Nossa Senhora de Fátima ainda continuará até ao dia 30 de Setembro em Angola, seguindo depois em direcção a Mocimboa do Castelo.

L. CRISTINO

BAIRROS DE IMIGRANTES DA GRANDE LISBOA INAUGURAM NOVA IMAGEM PEREGRINA

A três de Maio passado, após a Procissão do Santíssimo, no Santuário, procedeu-se à bênção de uma nova Imagem Peregrina de Fátima (n.º 6), cuja primeira viagem se destinou aos bairros de imigrantes, de a maioria africana, nos subúrbios de Lisboa. Uns cem africanos receberam nesse dia a Imagem e a levaram para o seu bairro, o Bairro do Fim do Mundo, pertencente à Paróquia do Estoril. Durante os meses de Maio e Junho a Imagem percorreu oito centros de culto, estando uma semana em cada um deles: Bairro do Fim do Mundo (Estoril), Bairro 6 de Maio (Venda Nova), Bairro Sá Carneiro (Caxias), Outurela (Carnaxide), Zambujal (Buraca), Marianas (Carcavelos), Santa Filomena (Amadora) e Pedreira dos Húngaros (Algés).

Cada dia da visita foi assinalado com um período de oração de duas horas. As celebrações tiveram presente a mensa-

gem de Fátima que a Virgem recordou em Fátima, consubstanciada nas palavras conversão, penitência, reparação e oração. Em cada dia uma grande intenção se fez particularmente saliente: as crianças e a vida, os jovens e os seus problemas, a família e os seus desafios, as vocações e os sacerdotes, os doentes e os defuntos, os imigrantes e a inserção eclesial e, finalmente, no domingo, o Grande Jubileu.

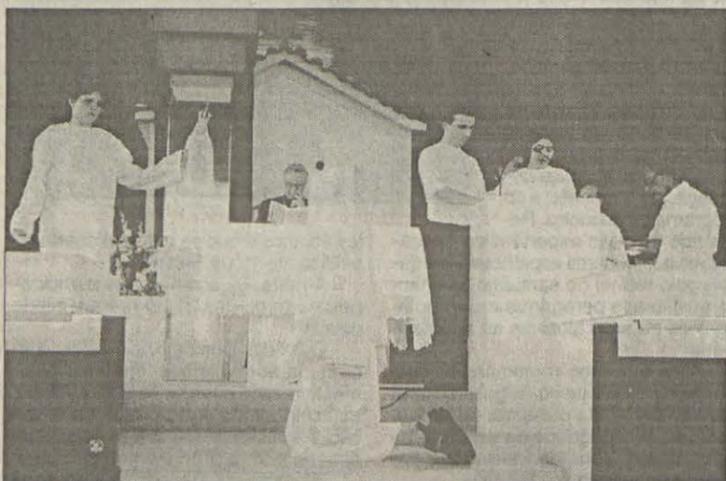
Cada Bairro encarregava-se de levar a Imagem ao Bairro seguinte. Foi durante toda a visita a acção menos discreta, mas também com o seu quê de agradável: tratava-se de um pequeno cortejo automóvel com o andor da Virgem num descapotável ou numa carrinha aberta. Os carros buzonavam e assim se chamava a atenção para a Imagem da Senhora «mais brilhante que o Sol», transportada por africanos pelas ruas da cidade.

As celebrações de ar livre foram as procissões de velas, as celebrações marianas e, por vezes, a Eucaristia. Foi nestas ocasiões em que a Imagem, por que não dizer, a Mãe de Jesus, esteve mais perto dos seus filhos.

No «6 de Maio» a Imagem passou em ruas onde mal o andor cabia; nas «Perdigueras» — um pequeno bairro envolvido pela poeira de uma pedreira — a Imagem pôde ser beijada pelas crianças, tão familiar tinha sido a celebração, mais bem se diria, um serão em que se falou das coisas de Deus e se rezou com amor, sem pressa e sem olhar para o relógio. As Eucaristias celebradas no «Estrela d'África», nas Fontainhas, nas Marianas foram também duma beleza familiar que não vão esquecer e que marcou o bairro com o maior acontecimento de sempre — a visita da Imagem Peregrina da Virgem de Fátima.

Movimento da Mensagem de Fátima

A NOSSA PEREGRINAÇÃO DE 18 E 19 DE JULHO



Celebração Mariana orientada pela arquidiocese de Braga

Continuamos a verificar que a maior parte dos secretariados diocesanos e paroquiais do Movimento da Mensagem de Fátima estão seriamente empenhados no apostolado do Movimento, conforme os seus estatutos. Este empenha-

mento notou-se particularmente na peregrinação nacional, que é um dos pontos altos do programa do ano. De salientar a preparação que as paróquias fizeram e o modo edificante como vários animadores dos autocarros desempe-

nharam a sua missão, assim como a colaboração que vários Secretariados diocesanos prestaram na execução do programa.

Um particular agradecimento ao Sr. D. Serafim Ferreira de Sousa e Silva, Bispo de Leiria-Fátima e Assistente Geral do Movimento, que se dignou presidir a toda a peregrinação. As suas palavras nos vários actos a que presidiu, foram de estímulo e orientação para o nosso trabalho apostólico. Sua Ex.cia Rev.ma manifestou a sua confiança no trabalho que se está a realizar e convidou os mensageiros de Nossa Senhora de Fátima à fidelidade, coragem e perseverança.

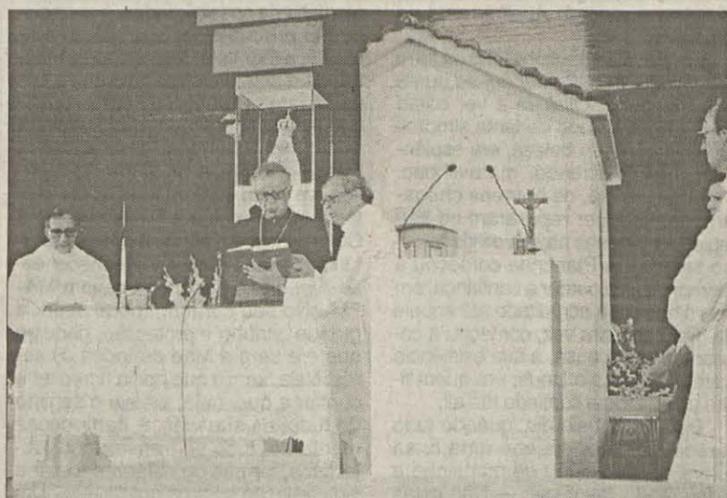
O Movimento tem um projecto apostólico que muito pode contribuir para a preparação do terceiro milénio, através dos seus três campos específicos - ORAÇÃO, PEREGRINAÇÕES e DOENTES.

Toda a vigília de oração foi muito vivida e participada. Um bem haja a todos quantos trabalharam para que nossa peregrinação fosse mesmo peregrinação, e não apenas uma vinda a Fátima.

O número de peregrinos foi avaliado em 10.500.

Seguem várias fotografias referentes a alguns números do programa. Por ser um dia de intenso calor, as fotos apresentam um pequeno grupo de pessoas, por a maior parte se terem refugiado à sombra das árvores.

Pedimos aos secretariados diocesanos o favor de fazerem uma avaliação da peregrinação a nível diocesano e paroquial, e enviarem esse relatório ao secretariado nacional, a fim de ser reflectido no



Bênção das novas Bandeiras pelo Sr. D. Serafim Ferreira e Silva.

próximo Conselho Nacional do Movimento. Peçamos à Nossa Senhora a sua ajuda para respondermos com fidelidade e audácia aos

objectivos do Movimento da Mensagem de Fátima.

P. Manuel Antunes



Entrada solene das dioceses.



Quadro vivo, sobre os dons do Espírito Santo, feito por um grupo de jovens da diocese de Viseu, orientado pelo Monsenhor Agostinho Gonçalves e Rosa Morgado.

A SÓS COM DEUS

Senhor, na penumbra densa do meu quarto, marcada pelas altas horas da noite, encontro-me só e penso em Ti.

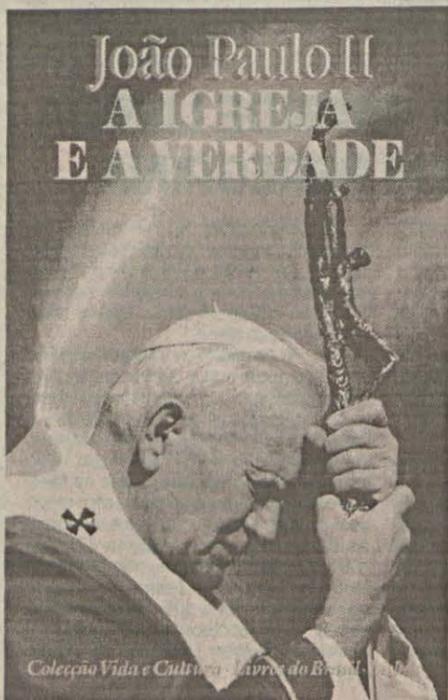
De coração a coração peço-Te que veles os feridos da vida, os doentes e todos os que foram invadidos pela droga, prostituição e demais vícios que destroem o "Dom da Vida". Mas, mesmo estes e apesar das quedas, ainda acreditam na Tua misericórdia e chamam por Ti nas horas decisivas. Todos têm uma breve esperança no último instante e, por isso, clamam: - Jesus, Filho de David, não me abandones...

Com imensa tristeza tenho sido testemunha destes desabafos, sobretudo daqueles que têm gravado na fronte, o sinal visível da solidão e do abandono.

Neste momento medito nas palavras do Profeta Jeremias (31 e s.) - Há esperança para o teu futuro... Sim, há esperança, todavia é necessário lutar com a convicção de vencer... Renovo o meu estado de espírito e penso nos que me ofendem constantemente. É obvio que não é fácil confrontar-me com as barbaridades a que me expõem, porém tenho a consciência que Jesus está do meu lado, por isso não posso deixar-me abater perante as provações a que estou sujeita. E eis que no silêncio envolvente da noite escura, surge a resposta: - Sê acolhedora com a simplicidade que te é possível, de modo a inspirar confiança divina, e nunca esqueças que é o Espírito de Deus que te move e que a melhor atitude para fazer encontro e comunhão com o Pai e os irmãos é, sem dúvida, demonstrar que através da oração e do silêncio se alcança o bom senso e a boa vontade - Ele fará o resto.

Com o coração cheio de esperança n'Aquele que me conforta, entrego o meu ser a fim de que se faça em mim a vontade de Deus.

Adelaide



Coleção Vida e Cultura - Livros do Brasil

ESPÍRITO PURIFICADOR

Uma das dimensões do Espírito Santo que tem estado demasiado esquecida na oração e na vida de muitos cristãos é a sua acção divina de curar, de purificar, de sarar o nosso interior. A Escritura apresenta-nos o Espírito como "água divina" que sai do lado direito do altar, como nos indica a profecia de Ezequiel, que brota do lado aberto de Cristo, água que fortifica, que lava, que é "graça medicinal" que cura e purifica.

O homem, o cristão, é um doente que necessita de ser curado. Se com humildade olharmos o nosso interior e as nossas acções que reflectem o que vai dentro de nós, constatamos que há doenças espirituais: orgulho, vaidade, soberba, amor próprio. Há tibieza que não é outra coisa senão uma paralisia espiritual, há ódio e rancores que são doenças do coração, há anemia espiritual que se nota na falta de amor apostólico, de zelo audacioso. E se formos examinando bem, sentimos em nós e no mundo estas diversas doenças. Precisamos de quem nos

cure, precisamos do Médico Divino, precisamos de nos abrir à graça divina que é medicinal.

O pecado é a pior doença, é, de verdade, a única verdadeira doença. Com ele, por causa dele, somos escravos, alienados, doentes. Só o Espírito Santo, água viva, nos pode curar, só Ele vai mudando o "homem velho" em "homem novo", só Ele vai purificando a alma, o coração, o corpo, a inteligência, a vida toda inteira. Trata-se, afinal, de nos ir "ressuscitando", fazendo cristos vivos à imagem de Cristo Celeste.

Como baptizados, já ressuscitámos com Cristo, já participámos da Sua Ressurreição, da vida nova do Senhor Ressuscitado, mas ainda não participamos plenamente pois estamos sujeitos às ... às tentações, ao mal, ao pecado. Por isso e apesar de "ressuscitados", continuamos a dizer como S. Paulo: "vejo o bem, quero fazê-lo e não faço"; "vejo o mal, não o quero e faço-o". Dentro de nós, como afirmava Santa Teresa de Ávila

acerca de si própria, "é um campo de batalha". Só o Espírito, cujos frutos são "caridade, alegria, paz, paciência, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão e temperança (Gal 5, 22-23) agindo em nós, poderá curar-nos, libertar-nos dos desejos e das obras do mal.

Para ser curado, para ir ao médico é preciso ter consciência que somos doentes. Só assim temos possibilidade de cura interior. Jesus, que veio para os doentes e não para os sãos, e que diz ao paralisado "queres ficar curado?", faz-nos o mesmo convite e quer conceder-nos o Espírito que cura e liberta. E reparemos bem, não só cura e liberta do pecado do mal, ou seja, de todas as espécies de mal interior, espiritual, como seja o medo, a angústia, a timidez, a revolta, os traumas da nossa débil natureza. Supliquemos com veemente perseverança: "Pai, em nome de Jesus, dá-nos o teu Espírito que cura e liberta".

P. Dário Pedrosa, S.J.

DEIXAI VIR A MIM AS CRIANCINHAS

Decorrido o tempo de férias, insistimos novamente no pedido de continuarem a promover a adoração ao Santíssimo, com as crianças. Há dioceses que estão a avançar com bons resultados. Salientamos a diocese de Viseu que actualmente é a que tem mais freguesias com esta adoração.

Não podemos deixar cair esta iniciativa, pois ela é muito do agrado do Senhor e de Nossa Senhora. Não se preocupem tanto com o número, mas apenas com aquelas crianças que voluntariamente queiram aderir. Não basta começar, é necessário continuar. Recordamos que, na impossibilidade de o Pároco fazer a exposição do Santíssimo, com a sua autorização, pode o Ministro Extraordinário da Eucaristia fazer a exposição solene na Custódia, embora não possa dar a Bênção.

ENCONTRO DE IDOSOS E DOENTES

Realiza-se no próximo dia 19 de Setembro, no Centro Pastoral Paulo VI, em Fátima, o VI Encontro de Doentes e Idosos da Diocese de Leiria-Fátima, com acolhimento às 9.30 h. e previsão de encerramento às 17.30 horas.

Lembramos que todos os doentes e idosos da Diocese, que se sintam em condições de participar nesta jornada de oração, o devem fazer.